

O itaboraiense Joaquim Manuel de Macedo e sua importância para a Literatura Nacional

Profª Regina de Oliveira Ferreira Ramos

PARTE II



Caro aluno, na primeira parte desta fase, conhecemos a importância de Joaquim Manuel de Macedo para a literatura brasileira, considerando o contexto histórico em que ele viveu. Agora, veremos um outro lado da vida e da obra deste grande escritor itaboraiense que, apesar das críticas, ainda hoje é tido como de grande importância para a história, a política e a arte literária do nosso país, marcando o nosso município no cenário nacional.

Joaquim Manuel de Macedo, o caçula de três filhos, foi grande interessado pela vida política do país. Talvez por herança – seu pai, boticário, exerceu também as funções de juiz municipal e por várias vezes foi vereador em Itaboraí, assim como seu irmão mais velho - Macedo seguiu na carreira política com dedicação e lealdade. Deputado pela Província do Rio de Janeiro à Assembleia Geral Legislativa por vários mandatos foi indicado ainda a Senador (porém não sendo eleito) e duas vezes a Ministro, declinando do convite de D. Pedro por prezar sua autonomia e liberdade de expressão.

Enquanto representante político, sempre trabalhou em prol de sua região: o Vale do Macacu. No entanto, pertencendo ao partido Liberal "por convicção, servindo-o com lealdade e firmeza como provam seus discursos parlamentares e correspondências com os amigos" (SOUZA, 1975, p.1-16), conta a lenda que, concorrendo Itaboraí e Niterói à Capital da Província do Rio de Janeiro, Joaquim Manuel de Macedo, embora itaboraiense, em seu voto de minerva, votou contra sua terra natal a favor de Niterói, atendendo a interesses de seu partido, perdendo Itaboraí por um voto.



Charge do séc. XIX, em que o imperador D Pedro aparece controlando o carrossel político entre os partidos Liberal e Conservador. Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiab/parlamentarismo-as-avessas.htm> (Acesso em 15/04/2015)

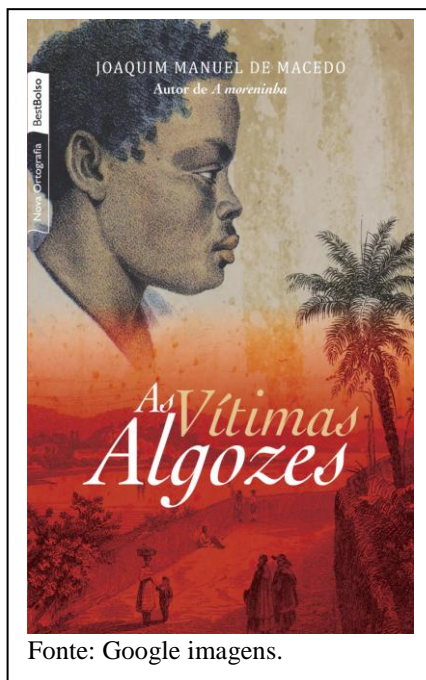
Apesar disso, como afirma Lucas Nunes de Souza, a ironia e a sátira política também aparecerão na obra macediana a partir da segunda metade do século XIX. Dentre outras, se destacam *A carteira de meu tio* (1855) e sua continuação *Memórias do Sobrinho de meu tio* (1868), onde Joaquim Manuel de Macedo, “muito mais ácido e inflamado, denuncia a “política do Eu” (inventada pelo escritor) numa crítica direta à influência inglesa na política brasileira, mostrando os diferentes meios de se

adquirir poder político no Brasil, que se desdobrariam aos dias de hoje garantindo assim certa “atualidade” à obra.” (SOUZA, 2012, p.14).

Ainda segundo o autor acima, citando Tânia Serra (2004), há uma divisão na produção literária macediana em duas fases: a primeira fase definida por ela de “Macedo para Mocinhas”, quando as histórias eram mais leves; já a segunda fase é chamada de “Macedo para Adultos”, devido ao teor mais denso de suas temáticas, embora, segundo a pesquisadora, não haja complexidade em sua escrita. Dessa forma, no período em que o escritor produziu para adultos, ela considera o ano de 1869 “o mais surpreendente, pois se torna sangrento e perturbador para a sociedade” (SOUZA, 2012, p.27) com a publicação das obras *A luneta mágica*, *O Rio do Quarto* e *As Vítimas Algozes*. Nelas, o autor itaboraiense faz forte crítica à sociedade, à igreja católica e à escravidão, expondo os defeitos da alma humana, algumas vezes com humor, outras com pessimismo, sem, contudo, deixar de lado a ironia. “Em comparação às demais produções de Macedo até então, passa a ser extraordinariamente fora do padrão temático e, em certa medida, estético (...) quando deixa de produzir finais felizes.” (Ibidem, p.30).

Ainda em 1867, foi lançado *Voragem*, obra que desafia os princípios morais da época por contar a história de uma jovem cortesã que corrompe os homens com quem se relaciona. Devido a isso, alguns estudiosos consideram Joaquim Manuel de Macedo também como um dos iniciadores do Realismo e Pré-Naturalismo - estilos de época que se seguiram ao Romantismo - por tratar de temas como vício, luxúria, degradação, sedução, mesmo não abandonando a idealização romântica.

Nacionalista sincero e abolicionista convicto foi ele também um dos primeiros a fazerem de sua obra uma arma contra a escravidão, percebendo-se aí forte influencia das ideias liberais - as quais foram assumidas numa carta ao Conde D'Eu: "Liberal, e presumindo-me da boa escola liberal, sou decidido propugnador da emancipação dos escravos." (RAMOS, 2004, p.12).



Fonte: Google imagens.

Em *As Vítimas Algozes, Quadros da Escravidão*, Macedo extrapola em sua crítica à sociedade escravagista, apresentando, numa linguagem forte, atitudes criminosas e imorais dos cativos justificadas pela condição de escravo. Composta por três histórias que ilustram não apenas os sofrimentos dos negros, mas também o mal que a escravidão fazia aos próprios senhores livres, segundo o autor, esse sistema criava vítimas oprimidas socialmente, que se tornavam perversas, imorais e corruptas e, por esse motivo, a escravidão deveria ser extinta. Afirma que “a fonte do mal, que é mais negra do que a cor desses infelizes, é a escravidão” (MACEDO, *As Vítimas-Algozes*. p.6) e diz ainda que:

Onde há escravos é força que haja açoite.

Onde há açoite é força que haja ódio.

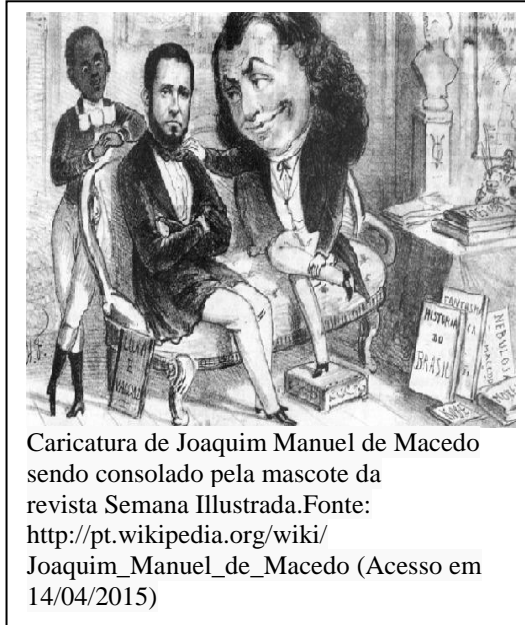
Onde há ódio é fácil haver vingança e crimes.

(Ibidem. p.9)

Justamente num momento em que o Brasil passava por um período de discussões em defesa do abolicionismo ou emancipacionismo, e em meio à crise liberal no Parlamento - momento em que os conservadores subiram ao poder, “a trilogia de Macedo *As vítimas-algozes* era uma tentativa de reacender o debate emancipacionista, fazer a voz liberal contida na obra surtir efeito entre os conservadores que naquele momento estavam no poder sob o comando do Visconde de Itaboraí.” (ALVES, p.4) Percebe-se aí a importância política de nosso município, tendo no Parlamento dois itaboraienses que lideravam os debates àquela época.

Mas o apelo de banimento da escravidão que Macedo faz explicitamente em *As vítimas-algozes*, sob o argumento do medo e pela óptica da classe senhorial, encontrou séria resistência dos conservadores. No entanto, o autor trouxe ao leitor uma forte referência de realidade, propôs uma reflexão sobre o problema que era a escravidão e apontou transformações para uma possível estabilidade social. Com essa obra, incluindo-se também *O Rio do Quarto*, segundo Lucas Souza

(2012, p.67), poderia ser atribuído a Macedo o fato de inaugurar mais uma categoria de literatura: a literatura de crime brasileira, que a partir da década de 1870 passa a tomar maiores proporções.



Cada vez mais envolvido com a política, o escritor itaboraiense passou a produzir, embora aos poucos, uma literatura mais voltada para uma violenta denúncia social, explícita e perturbadora, mais jornalística do que literária, o que fez com que a crítica não entendesse sua proposta e o apreço do público diminuísse:

À época fora acusado de excessivo realismo, de ter abandonado as regras de escrita literária, assim como ter deixado de cumprir seu papel como romancista para famílias. Fora dito que a obra só poderia ser lida por homens feitos. Que se tratava de uma propaganda abolicionista que ao invés de trazer compaixão aos senhores trouxe ódio. (SOUZA, 2012. p.80)

Aliás, Macedo sempre foi incompreendido pela crítica literária. Mesmo em relação a suas obras românticas. Com o correr dos anos, alguns críticos passaram a fazer restrições a seu trabalho, apontando a infantilidade dos enredos, o convencionalismo e o moralismo dos seus tipos, a pobreza de invenção e o extremo sentimentalismo. Apesar disso, é inegável sua contribuição para o romance urbano e de costumes brasileiro, como afirma QUINTELA (1970, p.62/63):

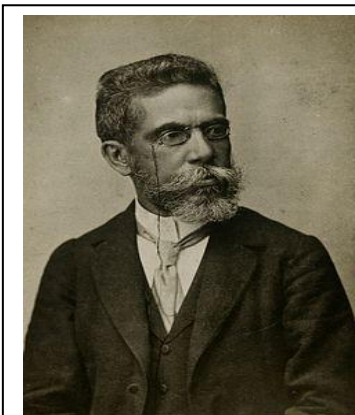
Mais do que à história, Joaquim Manuel de Macedo pertence à pré-história do romance brasileiro. Contudo, pertence à história da literatura e, mais ainda, à história da cultura (...)

O romance urbano, na e da sociedade brasileira do século 19, encontra em Macedo o seu verdadeiro criador que, mesmo ao nível da qualidade, nada perde em cotejo¹ com José de Alencar (...) Macedo, ao contrário do que geralmente se pensa, lançou o romance social (nos dois sentidos da palavra), mais do que o herói romanesco..."

¹ Comparação. (Dicionário Didático 2ª ed. SP: Edições SM, 2008)

Como aponta ainda o crítico Wilson Martins (In: QUINTELA, p.62): "Devemos lê-lo no contexto das expectativas de leitura do seu tempo e não pelas do nosso." Isto é fundamental para o entendimento de qualquer obra literária, pois, como também diz J. Galante de Souza (1975, p.9) "É indispensável ter presente a época nos seus costumes domésticos, sociais e políticos, no seu espírito e na sua filosofia de vida, para não se perder de vista o muito que há de intencional na obra do escritor que, se não é fundamentalmente um moralista mostra a cada passo sua preocupação moralizante." Voltando à Wilson Martins, na sua principal obra a *História da Inteligência Brasileira* (2010), onde Macedo é diversas vezes lembrado, segundo o crítico, o escritor é figura imprescindível para compreensão da formação do Romantismo brasileiro, devido não somente as duas primeiras obras, *A Moreninha* (1844) e *O Moço Loiro* (1845), "referenciadas e canonizadas nas principais histórias da literatura brasileira", como também por ter retratado os costumes e o cotidiano de sua época - como tantas vezes já afirmado aqui - mas, principalmente, por ter apresentado em suas obras as transformações do fazer literário.

Na verdade, segundo alguns críticos, o que compensa os defeitos da escrita macediana, podendo ser considerada sua maior virtude – e que mantém o escritor itaboraiense ao lado de grandes nomes como José de Alencar e Machado de Assis - é sua facilidade para contar histórias - além do que já destacamos em todo o texto. Como o próprio Macedo confessou no prefácio de uma de suas obras, havia nele relutância em alterar o que já havia escrito, valendo a simplicidade, a oralidade e a espontaneidade de sua linguagem, sem maiores preocupações com a construção do texto. Fica evidente ainda o destaque do didatismo de sua produção, o que demonstra sim uma preocupação com a escrita.



Joaquim Maria Machado de Assis - escritor brasileiro.

Fonte:
[http://pt.wikisource.org/wiki/Autor:Machado_de_Assis.](http://pt.wikisource.org/wiki/Autor:Machado_de_Assis)

Contudo, as principais críticas sobre a produção macediana se referem a uma não preocupação com a qualidade; ou seria uma busca do autor no sentido de popularização da literatura? Macedo preferiu escrever para os comuns e não para a intelectualidade, o que, apesar de ter sido adorado pelo público inicialmente, levou a uma forte resistência de alguns, inclusive do grande Machado de Assis que, referindo-se a produção teatral de Joaquim Manuel de Macedo, o acusa de “não produzir comédia, mas sim burlesco destinado ao grande público”. No entanto, é nesse sentido que se destaca a obra do autor: ao voltar-se para o leitor comum, fez das suas histórias um retrato da sociedade da

época. Cogita-se inclusive sua influencia sobre o próprio Machado.

Macedo responde às acusações com humor, e já no final da vida, justificando a escolha de produzir textos tão limitados, diz ele, em um trecho de *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* (2005, p.24/25):

Há dezenove anos escrevo e ousou publicar os meus pobres escritos, e até hoje, graças a Deus, ainda não tive a vaidade de tentar escrever para aproveitar aos eruditos e aos sábios. Não me pesa esse pecado na consciência. Os eruditos e os sábios rir-se-iam de mim.

Até hoje só tenho escrito com a ideia de aproveitar ao povo e aqueles que pouco sabem. Ora, escrevendo eu também para o povo esta obra, cuja matéria é árida e fatigante, não quis expô-la ao risco de não ser lida pelo povo, que prefere os livros amenos e romanescos às obras graves e fundas.

Joaquim Manuel de Macedo foi um intelectual influente em sua época, tendo vivenciado as principais transformações da sociedade brasileira do século XIX. Como diz SOUZA (2012, p.24), "o autor está presente em praticamente todas as bases intelectuais da nação, política, jornalística, literária, educacional e por que não vivencial". Porém, na segunda fase de sua produção, devido às fortes críticas, abatido moralmente, desiludido com o mercado e empobrecido devido a uma dívida de honra que, segundo dizem, fora assumida como avalista de um amigo, Macedo resolveu deixar a vida pública, em 1880; vendeu os direitos de publicação de sua obra e voltou a residir na Vila de São João de Itaboraí, numa modesta casa, em companhia de sua esposa D. Maria Catarina. Eles não tiveram filhos.



Túmulo de Joaquim Manuel de Macedo onde se lê a inscrição: "À Memória do Dr. Joaquim Manuel de Macedo O povo de Itaborahy" Fonte: SUTEDI

Vulto histórico dos mais importantes de Itaboraí e dos que mais se dedicavam e identificavam com nossa terra, Joaquim Manuel de Macedo faleceu em 1882 e encontra-se sepultado no Cemitério Municipal da cidade, num mausoléu construído pela população local, em 1887, atendendo ao seu desejo, como expressado abaixo:

É por isso e por muito mais, é porque foi meu berço e berço daqueles quem mais amei e amo, é porque no seu seio tenho sepulturas queridas, é porque me guarda em seus lares amigos dedicados, é porque desejo ter em seus campos um abrigo na minha velhice que começa e no seu cemitério um leito para dormir o último sono, é enfim, por todos esses laços da vida e da morte que a Vila de Itaboraí me é tão querida. (MACEDO, O Rio do Quarto, p.6)

Em 1921, a municipalidade itaboraiense, em homenagem a este grande vulto de sua terra, inaugurou um busto do escritor, em mármore e bronze – obra do escultor Benevenuto de Berna, localizado na Praça Marechal Floriano Peixoto, no centro da cidade.

Após sua morte, como afirma SERRA (2004)² "muitos dos seus “algozes” começam a retomar suas obras e valorá-las como deveriam ter feito anteriormente." Atualmente, há certo consenso da crítica em reconhecer Joaquim Manuel de Macedo como o criador do nosso romance urbano, de costumes, tendo lançado também o nosso romance social; é visto ainda por alguns estudiosos de sua produção como "um crítico pertinente e mordaz da realidade brasileira do II

Reinado; bom humorista; fiel retratista; perfeitamente adequado a seu momento histórico, imortalizando-o para a posterioridade pela oralidade que usa em seus textos; (...)" A lista de qualidades elencada por Tânia Serra³ vem despertar outros olhares para a produção de Macedo, recolocando-o sob novas questões que mantêm seu grau de importância para o conhecimento histórico literário brasileiro.



No ano de 1994, foi descoberta, nos arquivos da Biblioteca Nacional (RJ), uma peça teatral inédita do escritor: *Uma Pupila Rica - Comédia em Cinco Atos*, publicada pela Prefeitura de Itaboraí em parceria com aquela Instituição, um verdadeiro tesouro guardado por 134 anos desde sua criação. O texto mostra mais uma vez como o escritor utilizava o humor ácido para atacar o escravismo e o machismo da sociedade da época, reforçando o papel de Macedo na luta abolicionista e na defesa pelos direitos das mulheres.⁴

² In: SOUZA, Lucas Nunes de. Joaquim Manuel de Macedo: Um cronista no Romantismo Brasileiro. PUCRS: Porto Alegre, 2012. p. 31.

³ Ibidem.

⁴ Reportagem publicada no Jornal do Brasil, em 20 de outubro de 1994.

Aliás, o teatro no Brasil também se define no Romantismo, consolidado pelo grande número de autores românticos que escreviam peças. E mais uma vez Itaboraí se destaca, seja como cenário nas obras do dramaturgo Martins Pena - considerado o fundador do teatro nacional com suas comédias de costumes; pelo próprio Joaquim Manuel de Macedo, autor de várias peças das quais 14 foram levadas à cena com aplausos do público;



Interior do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.
Fonte: Google imagens

e pelo ator João Caetano, também itaboraiense, criador da primeira Companhia teatral brasileira e figura mais importante no contexto da nossa dramaturgia. João Caetano chegou a encenar uma das adaptações de *A Moreninha* para o teatro. Além dos romances, Macedo foi um fecundo autor de textos teatrais, estando no teatro, talvez, a melhor parte de sua ficção, reconhecida pela crítica especializada. Em 1844, ele tornou-se sócio do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, em que participavam os mais importantes intelectuais do país.

Além de sua produção como cronista, jornalista, biógrafo, poeta, contista, folhetinista, orador e autor de obras didáticas e teatrais da maior importância na sua época, apesar das críticas lhes apontarem defeitos, a obra de Joaquim Manuel de Macedo ainda é muito lida e continuará a sobreviver, ao lado da “imperecível *A Moreninha*” - como classifica Ari Quintela (1970, p.65), sobretudo pelo seu valor documental.

Ninguém lhe pode negar o caráter essencialmente brasileiro da obra, a simplicidade do estilo, o senso de observação dos nossos costumes, a fidelidade da minúcia na descrição da nossa vida familiar àquele momento e a exatidão no retrato da sociedade de uma época, que foi a sua e da qual ele é indiscutivelmente, no terreno da ficção, se não o primeiro, o mais fiel fotógrafo. (J Galante de Souza, 1975, p.6)

Referências Bibliográficas:

ALVES, Marcos Francisco. **Os romancistas da Abolição:** discurso abolicionista e representação do escravo nas obras de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo. Faculdade de História/UFG. s/d.

CABRAL, Carlos. **Personalidades históricas de Itaboraí IV:** Joaquim Manuel de Macedo. RJ Prefeitura de Itaboraí/Sala de Memória da Casa de Cultura Heloisa Alberto Torres. Itaboraí, 1996.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **História, literatura & texto 2.** 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira 2º Grau.** São Paulo: Atual, 1995.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Roberto. **Língua e literatura.** 3ª ed. São Paulo: Ática, s/d.

Joaquim Manuel de Macedo. Disponível em http://www.e-biografias.net/joaquim_manuel_de_macedo. Acesso em 10 de fev 2015.

INFANTE, Ulisses. **Textos:** leituras e escritas; literatura, língua e redação V. 2. São Paulo: Scipione, 2000.

Joaquim Manuel de Macedo (pasta 39). Acervo Sala de Memória da Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres. Itaboraí, RJ.

BARROS, André Luiz. **O romântico.** Jornal do Brasil. Periódico. 20 de out. 1994. Caderno B.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **As Vítimas-Algozes.** Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bn000124.pdf>. Acesso em 10 de mar 2015.

_____. **O Rio do Quarto.** 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0070/completa.pdf>. Acesso em 10 de mar 2015.

_____. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro.** Vol.42. Brasília: Senado Federal, 2005. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/sf000070.pdf>. Acesso em 14 abr. 2015.

Cem anos depois de sua morte Macedo continua vivo na saudade e no carinho dos itaboraienses. O Itaborahyense. Periódico. 22 de mai 1982, p. 1-7.

QUINTELA, Ari. **O dr. Macedinho, 150 anos, vivo ainda.** In: Revista do Livro, Ano XIII - 3º Trimestre - Nº 42. INL / MEC, 1970.

RAMOS, Cesar Augusto Ornellas. **Notícia biográfica de Joaquim Manoel de Macedo.** Itaboraí: Secretaria Municipal de Educação, 2004.

SANTOS, Francisco Venceslau dos. **Romantismo e Realismo na literatura brasileira**. Disponível em <http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/08.htm>. Acesso em 05 de mar 2015.

SERRA, Tânia Rebelo. **Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. *Apud* SOUZA, Lucas Nunes de. **Joaquim Manuel de Macedo: Um Cronista no Romantismo Brasileiro**. Porto Alegre: PUCRS, 2012.

SOUZA, J. Galante de. **Joaquim Manuel de Macedo**. In: *A luneta mágica*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____ (Organizador) **Introdução**. In: MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

SOUZA, Lucas Nunes de. **Joaquim Manuel de Macedo: Um Cronista no Romantismo Brasileiro**. Porto Alegre: PUCRS, 2012.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Curso prático de língua, literatura e redação**. 4ª ed. V. 2. São Paulo: Scipione, 1997.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Língua e Literatura**. 4ª ed. V. 2. São Paulo: Moderna, 1990.